



**ENTRE CORPOS, GÊNERO E NARRATIVAS:
EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA
INCLUSIVA NA “QUEBRA” DE PRÁTICAS
HEGEMÔNICAS ENTRE HOMENS E MULHERES
COM ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

NASCIMENTO, Pedro Henrique Magalhães do¹
NASCIMENTO, João Vitor Magalhães²

¹ Centro Educacional Sesi – pedrohmagalhaes0908@gmail.com

² Universidade de São Paulo – oficialmagalhaes1@gmail.com

RESUMO

O presente estudo foi realizado com estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental – Séries Iniciais, no componente curricular de Educação Física e cultura corporal esportiva. A investigação adotou como metodologia a pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011), que compreende as experiências escolares como histórias vividas e recontadas, valorizando tanto os relatos dos estudantes quanto as percepções dos pesquisadores. O ponto de partida foi a identificação de comportamentos machistas durante as aulas, nos quais meninos expressavam atitudes de superioridade em relação às meninas. Para enfrentar essa realidade, foi elaborada uma proposta pedagógica fundamentada no Currículo Cultural da Educação Física (NEIRA, 2014), que se apresenta como alternativa crítica às práticas historicamente excludentes, ou marcadas por estereótipos de gênero e pela divisão sexual das práticas corporais (NEIRA; NUÑEZ, 2009).

As atividades ocorreram em ambientes diversificados da escola — salas de aula, espaços arborizados e quadra — e tiveram como destaque a vivência do jogo “futebol generificado” (SOUZA JUNIOR, s/d), que adapta o futsal em três etapas para problematizar desigualdades de gênero. Inicialmente, as meninas foram restringidas a papéis defensivos, depois passaram a atuar com menor pontuação e, por fim, conquistaram plena igualdade de funções e regras. A dinâmica promoveu reflexões críticas, que se consolidaram em rodas de conversa, nas quais os meninos reconheceram as habilidades femininas e valorizaram a participação das colegas. Relatos como “não conseguimos fazer pontos contra as meninas” e “elas jogam muito bem” revelaram mudanças significativas de percepção e atitude.

Ademais, conclui que o currículo cultural, ao provocar questionamentos e rupturas com práticas naturalizadas, contribui para a construção de uma Educação Física mais democrática, dialógica e equitativa. A experiência demonstrou que práticas pedagógicas intencionais podem mitigar o machismo, favorecer o respeito às diferenças e fortalecer uma formação crítica no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física; Currículo Cultural; Gênero; Narrativas; Práticas pedagógicas.

1. INTRODUÇÃO

A escola é um local privilegiado para a criação e a disseminação de valores sociais, culturais e de gênero. Entretanto, práticas pedagógicas que parecem neutras ainda apresentam traços de uma cultura dominante que perpetua desigualdades e estereótipos, especialmente nas aulas de Educação Física. Esse componente curricular tem uma história marcada por uma divisão sexual das práticas corporais, em que os meninos são estimulados à competição e à força, ao passo que as meninas são vinculadas à delicadeza e à estética (GOELLNER, 2003; SOARES, 1998).

Nesse contexto, as relações de gênero se tornam fundamentais para repensar a Educação Física nas escolas. Louro (1997) enfatiza que as distinções entre meninos e meninas são criações sociais e culturais, em vez de manifestações naturais do corpo. De forma semelhante, Scott (1995) caracteriza gênero como uma categoria analítica que destaca as relações de poder que estruturam as experiências humanas, afetando identidades, comportamentos e normas sociais.

A importância da pesquisa reside em incentivar reflexões acerca da função da escola na desmistificação de estereótipos e na valorização da pluralidade de corpos, identidades e formas de participação. Dessa forma, o artigo é organizado em quatro seções: introdução; referencial teórico-metodológico sobre gênero e currículo cultural; descrição e avaliação da proposta pedagógica: “futebol generificado”; e considerações finais sobre os efeitos da experiência na formação crítica e democrática dos alunos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

As pesquisas sobre gênero na Educação Física têm mostrado como essa matéria espelha e fortalece as hierarquias sociais (LOURO, 1997; GOELLNER, 2003). Os currículos escolares foram historicamente elaborados com base em uma perspectiva androcêntrica, que privilegia corpos masculinos e marginaliza práticas femininas (SOARES, 1998). Esse contexto evidencia o que Bourdieu (1999) chamou de “dominação masculina”, um sistema simbólico que torna natural a ideia de que um sexo é superior ao outro.

Na Educação Física, essas relações se evidenciam na distribuição desequilibrada de funções nas atividades esportivas, na exclusão das meninas de modalidades consideradas “masculinas” e na resistência em aceitar o corpo feminino como capaz de força, técnica e protagonismo (GOELLNER, 2003; DEVÍS DEVÍS, 2001). Ao problematizar o conceito de performatividade de gênero, Butler (1990) contribui para a compreensão de como esses comportamentos são aprendidos e reiterados no dia a dia, inclusive no ambiente escolar.

Neira e Nuñez (2009) sugerem o Currículo Cultural da Educação Física como uma forma de combater essas desigualdades. Esse currículo valoriza as culturas corporais de movimento e promove uma análise crítica das práticas hegemônicas. Essa perspectiva se baseia na noção de que o conhecimento escolar não deve simplesmente replicar conteúdos, mas incentivar o diálogo entre os saberes e as vivências dos alunos, levando em consideração as diversas identidades que formam o ambiente escolar (NEIRA, 2014).

A conexão entre o currículo cultural e a perspectiva decolonial expande ainda mais o escopo dessa metodologia. Autores como Quijano (2000) e Walsh (2009) reconhecem que o conhecimento escolar é historicamente eurocentrado e excludente, defendendo a importância de práticas pedagógicas que desestabilizem hierarquias coloniais e valorizem saberes locais e corporais marginalizados. Essa percepção possibilita a reavaliação do corpo como um espaço de memória, resistência e identidade, expandindo o papel da Educação Física como um campo para o desenvolvimento humano integral.

A importância de práticas pedagógicas intencionais que desafiem a naturalização do machismo nas escolas é enfatizada por outros autores (CASTAGNA, 2018; LEITE, 2008; MACHADO, 2012). Ao questionar as dinâmicas de poder e fomentar experiências justas — como sugere o “futebol generificado” (SOUZA JUNIOR, s/d) —, é viável construir uma Educação Física democrática, interativa e inclusiva.

3. METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E RESPECTIVA ANÁLISE

O presente estudo foi realizado no Centro Educacional Sesi 087, localizado no município de Santos-SP, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental – Séries Iniciais, sendo desenvolvido dentro do componente curricular de Educação física e cultura corporal esportiva.

A ação pedagógica se recorre a uma pesquisa narrativa, que deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. (CLANDININ E CONNELLY, 2011, p.18).

A proposta surgiu a partir da identificação de comportamentos machistas durante as aulas de Educação Física, onde meninos demonstravam atitudes de superioridade em relação às meninas. Para abordar a questão, foram realizadas reflexões com os estudantes sobre o conceito de relações de poder, partindo de suas ideias e conduzindo a um entendimento crítico sobre hierarquias sociais e desigualdade de gênero. Foram discutidos exemplos históricos e sociais que mostram como o homem se coloca em posição superior à mulher em diversos contextos, como na política, na família e no mundo do trabalho. No enredo das aulas foram analisados ainda situações em que há falas que inferiorizam habilidades e capacidades das mulheres em alguma ação, a visão construída sobre as diversas formas de agressão contra a mulher, e a reflexão crítica da participação de esportes que são pertencentes aos dois sexos. Para aprofundar a discussão, os alunos participaram do jogo “futebol generificado”, criado por Ademar Moreira de Souza Junior, que adapta o futsal para refletir sobre desigualdade de gênero, com regras que inicialmente restringiam as ações das meninas, mas depois as colocavam em posição de igualdade.

O jogo funciona como uma adaptação do futsal, dividido em três etapas com regras específicas. A quadra é separada em áreas privadas (defensivas) e uma área pública (central). Cada equipe tem duas meninas e quatro ou cinco meninos. As meninas atuaram como defensoras nas áreas privadas, enquanto os meninos jogaram apenas na área pública, tentando derrubar alvos (como garrafas PET) do time adversário. A cada alvo derrubado, a equipe marcava pontos, com regras que penalizaram devido à demora na reposição dos alvos. Nas etapas seguintes, as regras mudaram: as meninas passaram a poder atacar, mas com pontuação reduzida (meio ponto por acerto), e depois foram obrigadas a atacar e defender conforme a posse de bola.

Durante o jogo, algumas tarefas faziam parte das demandas inseridas aos meninos. A primeira ação foi realizar o jogo de futebol com uma bola barriga, simulando uma mulher grávida, na aula seguinte, a tarefa era continuar jogando com a bola na barriga, porém, através de um sinal sonoro proposto pelo professor, um dos estudantes deveriam sair da partida, pegar um colete e prendê-lo em uma rede. Estas ações dizem respeito as reflexões sobre os afazeres domésticos que ao longo da história era atribuído as mulheres, situando o fato da mulher que ficava em casa cuidando dos afazeres, filhos, etc e o homem que saía para trabalhar.

Após o jogo, uma roda de conversa foi realizada, e os meninos reconheceram a habilidade

e a competência das meninas no esporte, gerando uma mudança de percepção e atitude, além de falas do tipo:

- “Professor, é muito difícil realizar várias coisas ao mesmo tempo, estar com a bola na barriga, jogar e estender roupa.”
- “Professor, foi difícil fazer pontos nas meninas, todas as bolas que eu chutei, a Marina defendeu.”
- “Professor, eu não sabia que a Isa era tão boa jogando, ela conseguiu fazer dois pontos.”
- “Na hora do descanso as meninas vão jogar com a gente, elas são muito boas.”
- “Professor, nós não fizemos nenhum ponto em nenhum dos times em que estavam as meninas.”

Posteriormente, foi perceptível a mudança de postura dos estudantes, que passaram a se posicionar contra falas preconceituosas durante as aulas. Entretanto, como forma de verificar as ações discurtidas foram atribuídas no percurso, formas de avaliar, de acordo com os autores Castagna (2018), Machado (2012), Carvalho (2009), Leite (2008), Luckesi (1996) sendo:

- Observação sistemática: fichas de registro com critérios, como: frequência de interrupções, respeito às regras coletivas, participação equitativa.
- Autoavaliação: questionários reflexivos do tipo “O que aprendi sobre respeito de gênero?” ou “Como reajo quando vejo atitudes machistas?”.
- Roda de conversa / grupos focais: escutar percepções de meninas e meninos sobre o clima após a proposta.
- Registro docente: anotações no diário de classe sobre episódios antes e depois da proposta.
- Indicadores de convivência escolar: número de conflitos, advertências ou situações relatadas à coordenação.

As propostas neste teor continuam com o objetivo de mitigar o machismo e promover um ambiente mais justo e respeitoso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O currículo cultural da Educação Física, tal como proposto pelo Coletivo de Autores, representou uma alternativa concreta para enfrentar as relações de poder historicamente estabelecidas entre homens e mulheres no contexto escolar. Mais do que diversificar os conteúdos, trata-se de desafiar estruturas naturalizadas que colocam o gênero masculino em posição privilegiada. Durante a proposta em aula, o viés de superar essas desigualdades demandou, sobretudo, uma formação crítica, capaz de problematizar a partir das experiências reais dos alunos e alunas. As aulas de Educação Física, portanto, tem um papel fundamental na luta pela equidade de gênero e pela democratização do conhecimento, verificando isso, a partir de mais propostas intencionais como esta, dia após dia essa descolonização curricular e o enfraquecimento das relações de poder nas conjecturas pedagógicas podem proporcionar uma educação física ainda mais dialógica, participativa, democrática e equitativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. A dominação masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

CARVALHO, M. P. *Avaliação escolar, gênero e raça*. Campinas: Papirus, 2009.

CASTAGNA, V. O processo de autoavaliação dos professores da educação infantil sobre educação de gênero: uma pesquisa em contextos italianos e brasileiros. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 246-269, 2018.

CLANDININ, D. J. CONELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DEVÍS DEVÍS, J. *La Educación Física, el deporte y la salud en la escuela: más allá de la actividad física*. Barcelona: Inde, 2001.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: entre o silêncio e a visibilidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 177-188, 2003.

LEITE, M. B. B. da S. *Um estudo sobre a avaliação escolar na perspectiva de gênero*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 2008. Monografia (Especialização em Educação Básica).

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 19. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MACHADO, K. *Os instrumentos de registro do trabalho pedagógico e a avaliação da aprendizagem: o papel do coordenador pedagógico*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2012.

NEIRA, M. G. *Currículo cultural da Educação Física: problematizando os saberes da cultura corporal*. São Paulo: Cortez, 2014.

NEIRA, M. G.; NUÑEZ, M. A cultura corporal de movimento no currículo: a abordagem cultural na Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, 2009.

QUILJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais — perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 107-130.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOARES, C. L. *Imagens da Educação Física: a formação do corpo moderno*. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOUZA JUNIOR, A. M. de. Futebol generificado: reflexões pedagógicas sobre gênero e esporte. São Paulo: [s.n.], [s.d.]. Manuscrito utilizado em práticas pedagógicas.

WALSH, C. Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.